



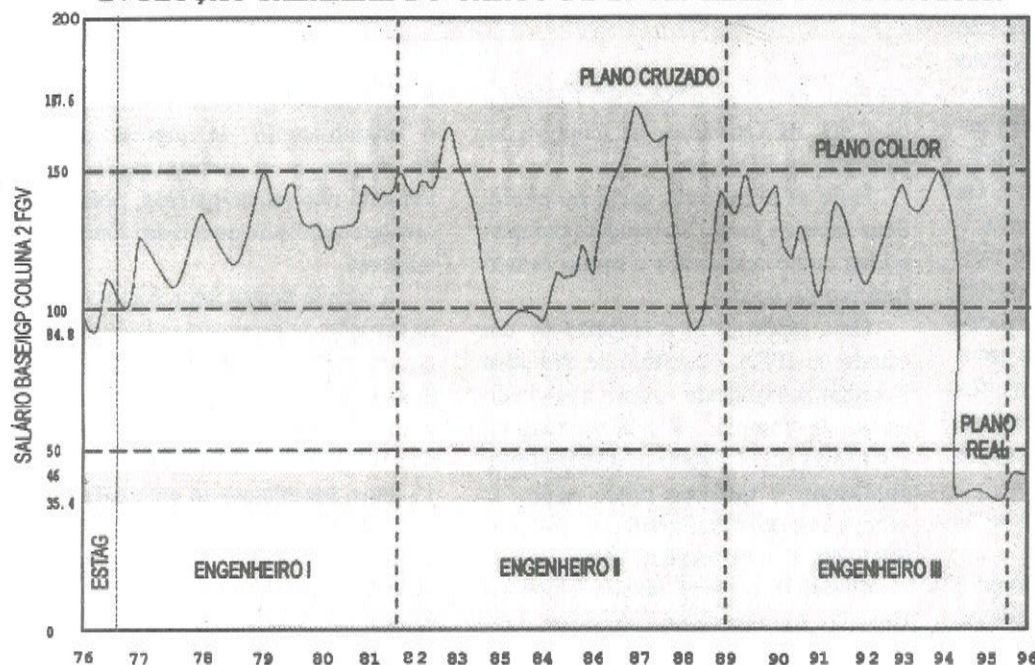
aepet

ASSOCIAÇÃO DOS
ENGENHEIROS
DA PETROBRAS

JULHO DE 1996
Nº 113

A Perda Salarial dos Petroleiros

EVOLUÇÃO SALARIAL DO CARGO DE ENGENHEIRO DA PETROBRAS



Pode-se concluir que um engenheiro nível III com 20 anos de casa recebe, em 1996, em valores reais, 40% do que recebia como estagiário, em 1976. Esse declínio começou no Plano Collor, intensificando-se com o Plano Real.

Nos últimos 15 anos, os funcionários públicos e os empregados de empresas estatais ou de empresas de economia mista, onde o Governo é o acionista majoritário, vêm sendo vítimas de ataques destrutivos por parte do poder dominante.

Inundaram a mídia de informações falsas como, por exemplo, de que os funcionários da Petrobras abastecem seus carros nas refinarias, gratuitamente; de que, a cada 5 anos, gozam do direito de licença prêmio (6 meses); de que a Petrobras financia a compra ou a construção de casas próprias para os funcionários, etc. Tudo mentira! Porém, com a exaustiva repetição na mídia, as mentiras tornaram-se "verdades" junto à população.

Os governos que sucederam-se nos últimos 15 anos vêm atuando obedientemente na direção da destruição do Estado brasileiro e, para isso, não hesitaram em denegrir a imagem dos funcionários públicos e dos empregados das empresas estatais, deixando os mesmos serem classificados de parasitas improdutivos e de serem acusados de receberem salários de marajás num país de miseráveis.

Os fatos e atos obedecem a um plano previamente determinado. Trata-se de um estudo entregue ao governo Collor, em abril de 1990, pelo Credit Suisse/First Boston. No citado estudo, sugeria-se a adoção rápida do início das privatizações, colocando no alto da listagem de empresas a serem privatizadas a Petrobras, apesar de reconhecerem a ilegalidade de tal ato. O documento também sugeria a quebra do monopólio do petróleo da União.

É um plano absurdamente ambicioso, na medida em que se pretende a apropriação das riquezas brasileiras. Assim, além de denegrir a imagem dos funcionários, era preciso também desacreditar as empresas estatais, de modo que as suas privatizações fossem bem aceitas pela sociedade, uma vez que delas se

beneficiariam com as promessas de redução dos preços dos produtos, de geração de milhares de novos empregos pelos investimentos que seriam feitos pelos proprietários privados, enfim, mil promessas para que os cidadãos aceitassem as privatizações.

Neste contexto de destruição do Estado brasileiro, em junho último, Rudiger Dornbusch, ex-conselheiro do presidente dos EUA, teceu comentários desabonadores sobre o futuro do Plano Real, alertando os brasileiros para uma mudança de rumo, uma vez que estamos caminhando para o mesmo destino do México e da Argentina.

Ao fazermos um balanço das privatizações feitas naqueles países, iremos constatar que a fala do economista norte-americano é bastante preocupante. Hoje, aqueles dois países já se desfizeram das suas riquezas nacionais ao privatizarem suas empresas. O petróleo argentino agora pertence a empresas multinacionais, as quais buscam auferir maiores lucros independente da produção predatória, com redução drástica das reservas. Por outro lado, o petróleo mexicano, embora preservado o monopólio, não pertence mais ao povo do México: os resultados das vendas são depositados em bancos norte-americanos.

Em suma, os argentinos e os mexicanos, embora tenham cumprido as ordens do poder dominante - "privatizando" suas empresas e entregando as riquezas nacionais para interesses estrangeiros - estão mais empobrecidos e o desemprego, a miséria e a desesperança vêm tomando conta dos seus países. Se fizermos um balanço das privatizações já feitas no Brasil e o confrontarmos com as promessas e os resultados obtidos, seremos forçados a concordar que estamos realmente caminhando para o mesmo destino do México e da Argentina.

No Brasil, nos últimos 15 anos, foram privatizadas dezenas de empresas que para serem construídas requereriam investimentos de vários bilhões de dólares. Já foram "vendidos" os parques petroquímico e siderúrgico, entre outras empresas de grande valor econômico e estratégico. E tudo com as promessas de redução das dívidas interna e externa; de geração de novos empregos; de liberar o governo para investir mais em educação, saúde e segurança; de reduzir os preços dos produtos, etc.

O saldo, dando toda razão ao economista norte-americano que deixou os economistas do governo FHC revoltados, não poderia ser mais assustador e negativo. As dívidas, internas e externas, aumentaram. O desemprego tornou-se um monstro assustador, deixando até os nossos universitários desesperançosos com o futuro. Os hospitais transformaram-se em cemitérios vivos. A educação está totalmente falida. A segurança não existe. Os preços dos produtos siderúrgicos privados são o dobro dos preços quando os produtos eram estatais. Da mesma forma, os preços dos produtos petroquímicos também foram aumentados após as privatizações. Assim é fácil ser "eficiente".

Mas o que isto tem a ver com os salários dos petroleiros?

Bem, o programa de privatização para avançar, além da simpatia da sociedade, precisa conquistar o interesse dos empregados. E estes se tornariam mais simpáticos aos programas de privatizações na medida em que seus salários estivessem aviltados e fossem chamados para partici-

SALÁRIO - MÍNIMO: Trajetória de queda foi suspensa em 1995 e retomada este ano



par do negócio como "sócios". Foi assim na CSN, na Usiminas, na Copene, na Copesul, na PQU, etc.

Hoje os petroleiros estão no ponto. Seus salários foram fortemente comprimidos como demonstra o nosso estudo (gráfico da frente).

Uma reportagem a respeito de um estudo do IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - sobre a perda do poder de compra do salário mínimo, publicada em O Globo de abril último, confirmou o trabalho nosso sobre as perdas salariais da Petrobras. Há uma total semelhança entre as duas curvas.

O estudo salarial encontra eco na situação dos petroleiros. Conforme recentes pesquisas de Clima Organizacional realizadas em Órgãos Operacionais e Escritórios da Petrobras, concluiu-se que os índices de desmotivação dos empregados são bastante acentuados e que o principal fator de insatisfação é referente ao item salário, que sofreu bruscas e fortíssimas reduções desde junho de 1994.

Segundo estatísticas, 80% dos empregados da Petrobras estariam utilizando cheques especiais para assumir compromissos básicos, tais como alimentação e educação dos seus filhos, com a situação tornando-se cada dia mais desesperadora em vista das altas taxas de juros cobradas pelos bancos.

A situação de penúria econômica dos petroleiros só não está mais agravada porque a empresa, em maio de 1995, adiantou aos funcionários 10 dias de salário a serem descontados no mês de férias. Dessa maneira, quando entraram em férias, os funcionários receberam menores valores em seus contracheques. E continuaram impossibilitados de, pelo menos, reduzir suas dívidas nos bancos.

Neste contexto altamente desfavorável para a manutenção de um clima organizacional harmonioso, os empregados da Petrobras são submetidos a outro tipo de tortura: o medo de serem

transferidos ou perderem o emprego com o "encolhimento" da empresa, por meio de programas de reestruturação, absolutamente não participativos, pois não há qualquer consulta ao quadro funcional da empresa.

A junção destes fatores aponta para a destruição da espetacular equipe de funcionários da Petrobras, criada nos últimos 42 anos. Se quisermos uma imagem adequada, quase cômica, representativa das mudanças empresariais dos últimos 15 anos, teríamos a do empresário preocupado, chegando em casa, e dizendo à esposa: "Querida, encolhi a empresa. E agora?". Com cada vez mais frequência, de forma assustadora, a resposta parece ser apenas uma: "Encolha ainda mais".

À medida em que se preparam para mais uma rodada de enxugamento, alguns executivos chegam hoje a uma surpreendente conclusão: as medidas tomadas até agora estão erradas. Eles estão se conscientizando que perderam alguns de seus melhores funcionários e os que ficaram estão sobrecarregados e irritados.

O encolhimento pode prejudicar a qualidade do produto, alienar a clientela e, literalmente, ceifar o crescimento de produtividade. Como resultado, temos uma organização tão preocupada em contar migalhas, provocando tanta ansiedade quanto a quem será a próxima vítima da tesoura (perda de cargo, etc), que nela os funcionários se tornam pessoas limitadas, auto-centradas e incapazes de correr riscos.

É impossível querer qualidade, motivação, comprometimento, eficiência e tantas coisas mais que se espera dos empregados e do produto de seu trabalho, sem uma contrapartida salarial justa e adequada às necessidades das pessoas que produzem. A menos, que o que se deseje seja criar as condições ideais para o desmonte do que foi construído. Isto, no entanto, somente existe nos projetos dos privatistas neoliberais, que, deliberadamente, desejam o fim da Petrobras.

Boletim AEPET

★ ASSOCIAÇÃO DOS ENGENHEIROS DA PETROBRAS (AEPET)
AV. ALMIRANTE BARROSO, 22
19º ANDAR - CENTRO - RJ
CEP: 20031-000
TEL.: 220-4774
FAX: 262-9224
E. maitaepet@axapc.org.

★ JORNALISTA RESPONSÁVEL:
CELESTE CINTRA

★ DIAGRAMAÇÃO E
EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA:
ÍCONE COMUNICAÇÃO & ARTE
TEL.: (021) 220-8025

★ REPRODUÇÃO PERMITIDA,
DESDE QUE CITADA A FONTE